

## **DIVERSIDADE RELACIONAL E OLHARES MEDIÁTICOS:** Uma década de representações jornalísticas de não-monogâmias consensuais em Portugal

*Daniel Cardoso*

### **Resumo**

O contexto dos Direitos Humanos e da cidadania íntima (PLUMMER, 1995) é frequentemente usado para explorar o poliamor (CARDOSO, 2017) e outras formas de relacionamentos alternativos à mono-normatividade (PIEPER; BAUER, 2005). O ativismo em torno destes temas tende a seguir de perto a agenda política traçada em primeira instância pela comunidade LGBTQ+, sendo algumas das suas expressões mais visíveis as que se alinham com a conquista de direitos dentro do contexto das democracias liberais (AVIRAM, 2010; AVIRAM; LEACHMAN, 2015; SANTIAGO, 2015). Estudar a forma como as Não-Monogâmias Consensuais (NMCs) são representadas na imprensa permite compreender a cobertura do tema, a linguagem usada, os actores sociais mobilizados, e que conceitos são passados para o público em geral. Este artigo apresenta os resultados da análise da cobertura noticiosa sobre NMCs em Portugal, na imprensa escrita, entre 2010 e 2020, através de análise de conteúdo a 238 artigos, e permite compreender que, apesar de o poliamor ter entrado de forma generalizada no vocabulário comum, a agenda mediática parece pouco sensibilizada para com as actividades e publicações de activistas sobre NMCs em Portugal, demonstrando uma limitada capacidade destes em impactar a agenda mediática e contribuindo para um foco individualizante e potencialmente despolitizado. Isto, por sua vez, dificulta a integração da diversidade de orientação relacional como um elemento plenipotenciário da organização de identidades e comunidades íntimas e seus sujeitos como detentores de direitos políticos válidos.

**Palavras-chave:** imprensa; Portugal; não-monogâmias consensuais; poliamor; jornalismo.

## **RELATIONSHIP DIVERSITY AND THE MEDIA GAZE:** A decade of journalistic representations of consensual non-monogamies in Portugal

### **Abstract**

The framework of Human Rights and intimate citizenship (PLUMMER, 1995) is frequently deployed to theoretically explore polyamory (CARDOSO, 2017) and other alternatives to mononormativity (PIEPER; BAUER, 2005). Activism around this topic tends to track the political agenda and planning laid down by the LGBTQ+ community, and some of its most visible conquests are the ones that more closely align with liberal democratic values (AVIRAM, 2010; AVIRAM; LEACHMAN, 2015; SANTIAGO, 2015). To study how Consensual Non-Monogamies (CNMs) are represented in the press is to understand how the topic is covered, the language used about it, the social actors involved and what concepts are handed down to the general audience. This paper presents the results of the written press' coverage of the topic in Portugal from 2010 to 2020, through Content Analysis of 238 journalistic pieces. It shows that, even though polyamory has somewhat penetrated mainstream usage, the media agenda seems out of tune with what CNM activists do in Portugal. This demonstrates activists' limited ability to impact that agenda, and contributes to an individualized and depoliticized approach to CNMs. In turn, that approach makes it harder for relationship orientation to be recognized as an organizer of identity and community in its own right, and CNM people as holders of valid political rights.

**Keywords:** press; Portugal; consensual non-monogamies; polyamory; journalism.

## DIVERSIDAD RELACIONAL Y PERSPECTIVAS DE LOS MEDIOS:

Una década de representaciones periodísticas de la no monogamia consensuada en Portugal

### Resumen

El contexto de los Derechos Humanos y la ciudadanía íntima (PLUMMER, 1995) se utiliza a menudo para explorar el poliamor (CARDOSO, 2017) y otras formas de relación que son alternativas a la mononormatividad (PIEPER; BAUER, 2005). El activismo en torno a estos temas tiende a seguir de cerca la agenda política esbozada en primera instancia por la comunidad LGBTQ +, siendo algunas de sus expresiones más visibles aquellas alineadas con la consecución de derechos en el contexto de las democracias liberales (AVIRAM, 2010; AVIRAM, LEACHMAN, 2015; SANTIAGO, 2015). Estudiar la forma en que se representan en la prensa las No-Monogamias Consensuadas (NMC) permite comprender la cobertura del tema, el lenguaje utilizado, los actores sociales movilizados y qué conceptos se transmiten al público en general. Este artículo presenta los resultados del análisis de la cobertura noticiosa sobre los NMCs en Portugal, en la prensa escrita, entre 2010 y 2020, a través del análisis de contenido de 238 artículos, y nos permite comprender que, a pesar de que el poliamor ha entrado en el vocabulario común, la agenda de los medios parece estar poco sensibilizada con las actividades y publicaciones de los activistas sobre los NMCs en Portugal, lo que demuestra su limitada capacidad para impactar la agenda de los medios y contribuye a un enfoque individualizador y potencialmente despolitizado. Esto, a su vez, dificulta la integración de la diversidad de orientación relacional como elemento plenipotenciario en la organización de identidades y comunidades íntimas y sus sujetos como titulares de derechos políticos válidos.

**Palabras-clave:** prensa; Portugal; no-monogamias consensuadas; poliamor; periodismo.

## DIVERSIDADE SEXUAL E RELACIONAL E MEDIA

Ainda que a existência de relacionamentos de não-monogamia consensual (NMC) não seja algo novo ou recente, como a investigação bem mostra no contexto Europeu e Norte-Americano moderno (WATSON; STEIN LUBRANO, 2021) e no contexto antropológico *latu sensu* (RYAN; JETHÁ, 2010), o fim dos anos 90 do século XX viu surgir (como, de resto, já havia sido antecipado (FOUCAULT, 1994)) uma explosão de termos e práticas identitárias associadas a gênero, sexualidade e relacionamentos íntimos. Entre estes encontram-se vários termos, identidades, práticas e comunidades ligadas a NMCs – swinging (GOULD, 1999; SILVÉRIO, 2014), casamentos abertos e amor livre (O’NEIL; O’NEIL, 1972), relações abertas (WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001), relações *monogamish* (SAVAGE, 2011), relações intencionais (MICHAELS; JOHNSON, 2015), anarquia relacional (DE LAS HERAS GÓMEZ, 2018) e, claro, poliamor (CARDOSO; PASCOAL; MAIOCHI, 2021; PILÃO, ANTONIO CERDEIRA, 2015, 2019; RITCHIE; BARKER, 2006; RUBEL; BURLEIGH, 2020).

Está fora do âmbito e do espaço deste artigo uma discussão aprofundada sobre as características e diferenças ou semelhanças entre estes vários termos, para além de notar que todas elas articulam valores de autonomia, consentimento informado, e relacionamentos íntimos e/ou sexuais não-exclusivos com uma só pessoa. No entanto, é importante mencionar que todas estas formas de relacionamento ou comportamento são vistas por algumas pessoas enquanto um conjunto de *práticas* e por outras enquanto um conjunto de

*identidades* e, portanto, constitutivas de quem e como essas mesmas pessoas são. Ademais, e independentemente de diferenças quanto a esse posicionamento, todas estes termos são criados e tomam sentido dentro de uma sociedade individualizada, sexualizada e psicologizada (CARDOSO, 2017); todas se articulam em tensão com a hegemonia cultural e material da monogamia (conhecida como mononormatividade (PIEPER; BAUER, 2005; PORTO, 2018) e com o concomitante papel que esta toma junto do sistema cis-heteronormativo colonialista (JOHNSON, 2019; RAMBUKKANA, 2015; ROSA, BECKY, 1994; ROTHSCHILD, 2018; RUBIN, 2007; VASALLO, 2014, 2018).

Considerar as estruturas relacionais enquanto parte da cidadania íntima implica considerar como a política relacional (CARDOSO, 2015) ou cidadania relacional (SANTOS, 2019) são coextensivas com a noção de Direitos Sexuais enquanto Direitos Humanos (SHEILL, 2008), e que questões de *orientação relacional* se articulam com, mas são independentes de, questões de orientação sexual e de identidade de género. É também notar e validar o facto já largamente demonstrado por investigação de que pessoas em NMCs são alvo de estigma e discriminação (BALZARINI *et al.*, 2018; BORGOGNA; AITA; AITA, 2021; CARDOSO; PASCOAL; ROSA, 2020; CONLEY *et al.*, 2013; SCHECHINGER; SAKALUK; MOORS, 2018; VALADEZ *et al.*, 2020). Importa também destacar que o ativismo em torno das NMCs, tanto em Portugal como em vários outros países, conta já com mais de uma década de organização, atividades e mesmo resultados (AVIRAM, 2005, 2010; AVIRAM; LEACHMAN, 2015; CARDOSO, 2014, 2019; INFINITY\_8P, 2020; ROSENGREN-HOVEE, 2021)

A pesquisa já existente sobre representações de NMCs mostra que há um enfoque em narrativas do quotidiano de pessoas poliamorosas e um jogo de demarcação face a outras formas de NMC (RITCHIE, 2010) (criando assim uma hierarquização moral entre diferentes NCMs) com base num discurso anti-promiscuidade (KLESSE, 2005, 2006), que a monogamia é uma parte estruturante de como as narrativas ficcionais se estruturam a nível social (SAXEY, 2010), e que as representações positivas de NMCs permitem explorar questões de discriminação de género, sexualidade, racismo e de classismo de forma integrada (SCHIPPERS, 2016, 2019).

## METODOLOGIA

Como será descrito em seguida, o presente trabalho enquadra-se dentro de um projecto de investigação ao abrigo de uma Bolsa Marie Curie, que se foca numa análise comparativa transnacional de movimentos sociais sobre não-monogamias consensuais em Portugal e no Reino Unido - CNM-MOVES: Consensual Non-Monogamies and Social Movements<sup>1</sup>.

### Identificação, recolha e selecção de material

No contexto do projecto CNM-MOVES, foi tomada a decisão de recuar uma década apenas na recolha do material, de forma a garantir que os resultados eram contemporâneos com a execução do trabalho de campo, e garantir o equilíbrio entre as diferentes etapas e metas do mesmo. Nesse sentido, e para o *corpus* em análise no contexto deste artigo, foram considerados os artigos de imprensa escrita em Portugal de Janeiro de 2010 até

---

<sup>1</sup> Para mais informação, consultar <https://www.mmu.ac.uk/rcass/our-expertise/cnm-moves/>

(tecnicamente) meados de Janeiro de 2020 – a pesquisa foi realizada a 17/01/2020, pelo que essa é a data de fecho da recolha.

A busca foi feita internamente por uma trabalhadora da empresa Cision Portugal, uma das mais destacadas empresas de newsclipping a operar nesse país, que gentilmente cedeu os dados para a realização deste trabalho. Para realizar a busca, foi usada a seguinte fórmula booleana: “*poliamor*” OR “*poliamoria*” OR “*não-monogamia consensual*” OR “*monogamish*” OR “*relação aberta*” OR “*casamento aberto*” OR “*anarquia relacional*”. Reconheço que este conjunto de operadores booleanos e expressões deixa de lado algumas formas de NMC, mas foram escolhidas também em função da sua comparabilidade com o *corpus* do Reino Unido (que não está em apreço neste artigo), e de como a literatura sobre fenómenos como o *swinging* aponta para a sua pouca ou nenhuma relevância ou atividade em termos de movimentos sociais (SILVÉRIO, 2014).

A base de dados enviada pela Cision continha 264 entradas. Destas, cinco foram removidas por serem entradas repetidas, e vinte e uma foram removidas por não se debruçarem efetivamente sobre NMCs. Resultaram 238 peças no *corpus* final aqui em análise.

### **Método e ferramenta de análise**

De maneira a simplificar a análise de um tal volume de informação (no total, junto com o *corpus* em inglês, estamos perante mais de duas mil entradas), recorri ao programa Nvivo 12 (RICHARDS, 2018) enquanto ferramenta de análise, de forma a poder levar a cabo análise de conteúdo (HANSEN *et al.*, 1998; KRIPPENDORFF, 2003; NEUENDORF, 2002; PHILO, 2007). Na medida em que, como explicado, os objectivos relativos à análise mediática estavam já pré-definidos antes do trabalho de campo ser iniciado; e na medida em que segui um processo que diverge da análise temática, a abordagem feita às peças noticiosas seguiu uma perspectiva *top-down*, e a codificação seguiu apenas referências explícitas a cada um dos códigos gerados ou predeterminados. Assim sendo, ficaram definidas à partida as seguintes categorias: Tipos de Não-Monogamia Consensual; Atores e Agentes Sociais; Aspectos das Não-Monogamias Consensuais; Enquadramentos Mediáticos; Tom Discursivo; e Situacionismo Geográfico.

Em *Tipos de Não-Monogamias Consensuais*, foram listados todos os tipos de NMCs alguma vez referidos no texto, codificando apenas as que são explicitamente nomeadas. Em *Atores e Agentes Sociais* foram agregadas todas as referências a pessoas ou organizações de acordo com a forma como surgem identificadas no texto (e.g., ‘Celebridades’, ‘Ativistas de NMCs’, ‘Empresas’). Sob *Aspectos das Não-Monogamias Consensuais* estão agrupadas questões sociais, políticas, económicas e outras que são mencionadas como sendo pertinentes no que diz respeito às NMCs. Os *Enquadramentos Mediáticos* dizem respeito à forma como as NMCs são apresentadas e portanto em que narrativa são feitas encaixar (e.g., ‘Patologia’, ‘Expressão Sexual’, ‘Alternativa à Monogamia’, ‘Influências «Externas»’). O *Tom Discursivo* dá conta de se a peça jornalística tem uma abordagem positiva, negativa, neutra, ambígua ou satírica ao tema em questão. Por fim, o *Situacionismo Geográfico* diz respeito à existência ou não de referências geográficas que tenham que ver com acontecimentos específicos relatados. Como será notado nas tabelas abaixo, algumas destas categorias permitem codificação múltipla (e.g., uma mesma peça pode referir diferentes tipos de NMCs).

Para a caracterização dos artigos, foram usadas como variáveis a data, o tipo de peça (e.g., reportagem longa, peça curta, artigo de opinião), o órgão de comunicação social em que foi publicada e, no caso de jornais nacionais, a sua pertença à imprensa de qualidade ou popular. Ainda que pudessem ser possíveis outras separações (e.g., imprensa nacional *versus* regional, imprensa de especialidade *versus* imprensa generalista), o tamanho relativamente limitado deste *corpus* faz com que essas análises resultem em sub-grupos demasiado pequenos para poder significativamente resultar em análises robustas.

## RESULTADOS

### Que não-monogâmias consensuais?

É relevante notar aqui de novo que as palavras-chave usadas não cobrem todos os tipos de NMCs existentes, e que é parcialmente capaz de explicar alguns dos resultados desta secção – uma vez que é possível que algumas peças tenham sido deixadas de fora por não referenciarem certos tipos de NMC.

Ainda assim, é pela mesma razão relevante notar que surgiram nas peças recolhidas vários tipos de NMCs que não estavam nas palavras de busca, sendo assim possível afirmar que os resultados apresentados neste artigo não se limitam a representar a cobertura mediática portuguesa dos tipos de NMCs listados acima, mas sim que permitem uma compreensão mais detalhada de como este tema se manifesta nesse contexto.

**Tabela 1: Tipos de NMC**

	N	%
Comunas	4	1,7
<i>Cruising</i>	9	3,8
Amor Livre	10	4,2
Monogamish	0	0,0
Casamentos abertos	60	25,2
Relações abertas	37	15,5
<i>Poliamor</i>	175	73,5
Poligamia	20	8,4
Anarquia Relacional	5	2,1
<i>Swinging</i>	23	9,7

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de referências a diferentes tipos de NMCs; codificação múltipla

Como é possível de notar, “poliamor” é o tipo de NMC mais mencionado, o que está em linha de consonância com resultados que se focam, por exemplo, em buscas online nos EUA (MOORS, 2017). Em segundo lugar aparecem os casamentos abertos, que são geralmente tratados não como um tipo específico de identidade relacional (como o seriam o poliamor ou a anarquia relacional), mas sim como um *estado* relacional que envolve uma relação formalizada (um casamento), à qual se adiciona uma camada de abertura (geralmente sexual). Do mesmo modo, “relações abertas” configuram geralmente a mesma situação mas sem a componente oficial de casamento.

## Que vozes sobre as não-monogâmias consensuais?

Para além de perceber que tipos de NMCs são configuradas na representação mediática, é importante também compreender que sujeitos sociais têm visibilidade junto dessas NMCs, uma vez que é através da presença espaço mediático de sujeitos que pertencem aos grupos retratados, e sobre os quais possam dar uma narrativa devidamente situada (HARAWAY, 1988).

**Tabela 2: Atores sociais em peças de NMCs**

	N	%
Activists CNM	36	15,1
Activists Non-CNM	8	3,4
Businesses	2	0,8
Celebrities	77	32,4
Faith-based affiliates and movements	2	0,8
Fictional characters	50	21,0
Non-CNM NGOs	5	2,1
<i>People living in CNM</i>	115	48,3
Politicians - Stakeholders	16	6,7
(Scientists - Scholars – Professionals) Bio Sciences	6	2,5
(Scientists - Scholars – Professionals) Other Hard Sciences	2	0,8
(Scientists - Scholars – Professionals) Other Soc-Humanities	53	22,3
(Scientists - Scholars – Professionals) Psy Sciences	31	13,0

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de presença de diferentes atores sociais em peças sobre NMCs; codificação múltipla

Como é possível ver na Tabela 2, menos de metade dos artigos sobre NMCs não incluem sequer pessoas que estão envolvidas em NMCs de alguma forma. Desde já, isso mostra que, estruturalmente, a participação de sujeitos cujo situacionismo está alinhado com o tema das peças parece ser facultativo, mostrando como o jornalismo opera através de processos de objectificação temática. O mesmo é dizer que, no que diz respeito a este tema (bem como a outros relativos a questões de cidadania íntima, como a revisão de literatura mostrou), os temas são tomados como falando por si sós, ao invés de se considerar que as vidas das pessoas por detrás dos temas têm valor próprio e relevância própria.

Ainda assim, de entre as pessoas que são convocadas a falar, ou que são referidas em relação a NMCs, uma boa parte são celebridades. Como será explorado mais adiante, este resultado está alinhado com o tipo de peças que são frequentes dentro do *corpus* (notícias breves), onde as vidas de celebridades são comentadas à distância e o facto de estarem (aleadamente) em relacionamentos ditos «abertos» é em si mesmo o foco da notícia.

Membros de classes profissionais (psicologia e medicina, por exemplo) e personagens de ficção são inclusivamente mais vezes referenciadas do que activistas que tenham ligação às NMCs. Para além de reforçar algumas das conclusões referidas acima, este resultado mostra que continuam a existir diferenças entre quem pode falar sobre NMCs, e qual o papel que activistas têm nos processos de cobertura mediática de um determinado tema, bem como o peso do capital social e cultural de diferentes áreas. Assim, cerca de 15% de artigos referem activistas da área de NMCs – menos que os 21% de personagens de ficção mencionadas.

### Que aspectos das não-monogamias consensuais?

As NMCs podem ser vistas de várias perspectivas diferentes, e a cobertura mediática pode escolher focar ou obscurecer uma ou mais dessas perspectivas. Elas correspondem, no fundo, a diferentes questões sociais ou legais e políticas das NMCs que não se esgotam no seu papel enquanto estrutura relacional. Para melhor destacar isso, os dados foram divididos nessas duas componentes.

**Tabela 3: Questões legais e políticas em peças de NMCs**

	N	%
Criminal Law	9	3,8
Education	1	0,4
Formal discrimination	11	4,6
Inheritance or shared ownership of property	6	2,5
<i>PolyMarriage</i>	12	5,0
PolyParenting	8	3,4

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de presença de referências a questões legais e políticas em peças sobre NMCs; codificação múltipla

Como é possível ver, questões explicitamente políticas são muito pouco mencionadas no geral – mesmo com codificação múltipla, a categoria mais vezes presente tem que ver com a possibilidade de se constituir a figura do casamento não-monogâmico, mas mesmo essa referência só existe em 5% das peças analisadas. As referências a questões criminais têm geralmente que ver com a referência cruzada entre pessoas não-monogâmicas e crimes passionais.

A discriminação formal, por outro lado, é relativamente mencionada na medida em existem ativistas que mencionam a existência de leis contra bigamia, ou o facto de o casamento legal existente ser apenas para duas pessoas.

As questões de âmbito social, que podem ser vistas na Tabela 4, têm uma muito maior predominância. No entanto, são as dinâmicas relacionais – ou seja, aquilo que mais rapidamente pode subsumido debaixo de uma visão individualizada e puramente subjetiva do que são as NMCs – que mais se destacam e que mais vezes se manifestam na cobertura jornalística das NMCs. A falta de percepção pública da diversidade relacional possível e a discriminação interpessoal – ou seja, não-formal – aparecem num distante segundo e terceiro lugares, e representam uma muito pequena parte do *corpus* total. É também importante notar que, deste grupo, o tópico com menos referências é o relativo à polifobia internalizada – um assunto que poderia servir como exploração do carácter sistémico e interpessoal da

monogamia enquanto sistema social, e a forma como pode impactar pessoas em não-monogamias consensuais.

**Tabela 4: Questões sociais em peças de NMCs**

	N	%
Internalized polyphobia	8	3,4
Interpersonal - informal discrimination	26	10,9
Lack of awareness of relationship diversity	32	13,4
Misrepresentation of CNMs	9	3,8
<i>Relationship dynamics</i>	<i>163</i>	<i>68,5</i>

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de presença de referências a questões sociais em peças sobre NMCs; codificação múltipla

### Como são as não-monogamias consensuais enquadradas?

A partir de um olhar sobre quais os enquadramentos usados, é possível compreender as diferentes formas que o jornalismo usa para pretensamente tornar o tema das NMCs compreensível para um putativo público em geral. A noção de enquadramento já tem uma longa tradição nos estudos da comunicação (ENTMAN, 1993) e tem sido usada com excelentes resultados na análise de como o jornalismo interage com questões de género e sexualidade (e.g.: SANTOS, 2016). No contexto desta investigação trata-se de compreender, para o jornalismo, *o que é* ou *de onde vem* a NMC.

**Tabela 5: Enquadramentos usados para referir NMCs**

	N	%
«Outside» Influences	5	2.1
Alternative to Monogamy	81	34.0
D/Evolution of Gender Equality	27	11.3
Fetishization	22	9.2
Future of Relationships	23	9.7
Normalization	66	27.7
Pathologization	19	8.0
Reflection of Neoliberalism	22	9.2
Religion and Spirituality	9	3.8
Revival of Free Love Movement	7	2.9
<i>Sexual Expression</i>	<i>151</i>	<i>63.4</i>
Sexual Perversion	16	6.7
Social/Cultural Corruption	31	13.0
Tendencies of a New Generation	33	13.9

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de presença de cada enquadramento verificado em peças sobre NMCs; codificação múltipla

O enquadramento mais vezes usado é, expectavelmente, o que trata as NMCs enquanto uma forma de expressão sexual – isto é, que se focam nos relacionamentos



interpessoais enquanto relacionamentos *sexuais* ou que focam práticas sexuais. Não obstante, pouco mais de 30% das peças não fazem referências a questões sexuais.

As NMCs são frequentemente enquadradas como alternativas à monogamia ou a partir de uma perspectiva de normalização, embora muito menos vezes do que é usado o lado sexual da questão para as referir. A partir de uma visão mais tendencialmente negativa, a ideia de NMCs enquanto corrupção dos valores sociais e culturais, enquanto expressão ou evidência de uma patologia, ou fetichizar as mesmas, são enquadramentos que têm também alguma expressão.

Estes enquadramentos, porém, são mais facilmente apreendidos no seu sentido geral se se considerar o tom em que as peças são escritas.

### Com que tom se fala de não-monogamias consensuais?

A ideia de tom discursivo está diretamente ligada ao enquadramento usado, mas também se articula com o conceito de objetividade usado em jornalismo, e de como ele opera enquanto sistema de legitimação da prática jornalística a partir de uma posição de neutralidade quando, na prática, essa neutralidade não tem as implicações comumente entendidas (MESQUITA, 2004).

Nesse sentido, as peças foram organizadas em tom positivo, neutro, negativo, misto ou de sátira. Neste caso não foram usadas codificações múltiplas, a não ser no caso da sátira, uma vez que pode cruzar-se com qualquer uma das outras duas. Note-se, porém, que o que foi avaliado aqui foi o tom usado para referir NMCs, e não o tom geral da peça, nos casos em que vários assuntos eram mencionados.

**Tabela 6: Tom discursivo usado para referir NMCs**

	N	%
Mixed	29	12,2
Negative	41	17,2
Neutral	70	29,4
Positive	73	30,7
Satire	20	8,4

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de tom discursivo verificado em peças sobre NMCs; codificação múltipla parcial (“positivo”, “negativo”, “misto” e “neutro” usados como mutuamente exclusivos)

A maioria das peças consultadas é positiva – no entanto, isso corresponde a menos de 31% do total do corpus. Em contraponto, a contagem cumulativa de peças negativas e mistas é de cerca de 29%, sendo que várias destas são também satíricas face à ideia de NMCs.

Uma tal diversidade de tons e tão pouca consistência demonstra, desde já, que o tema das NMCs não é pacífico ou neutro para o jornalismo em Portugal. Ainda que quase 30% das peças sejam neutras no seu tom, a ideia de que todo o jornalismo é neutro ou objetivo não se verifica, e o aspeto contencioso do tema dentro da cultura mononormativa portuguesa torna-se não apenas evidente como se amplifica, uma vez que as representações dos media *mainstream* serão um dos primeiros pontos de contacto com o conceito de NMCs.

## De que países se fala em peças sobre NMCs?

Outra dimensão da análise levada a cabo tem que ver com a forma como certas zonas geográficas (à escala global) podem ser mais commumente associadas ao tema das NMCs – o que se torna tão mais relevante quanto é possível notar (acima) que mais de 2% das peças mencionam as NMCs como uma influência ‘externa’, e tendo em conta que vários neologismos que têm sido disseminados para referir NMCs são provenientes da Angloesfera (CARDOSO, 2011).

Embora vários países – ou, em alguns casos, zonas globais inteiras – tenham sido mencionadas, por uma questão de simplicidade e de apresentação dos resultados mais relevantes, faz-se aqui um recorte apenas para os quatro países mais referidos.

**Tabela 6: Tom discursivo usado para referir NMCs**

	N	%
<i>Portugal</i>	155	65,1
USA	70	29,4
Brazil	18	7,6
Reino Unido	8	3,4

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas e percentagens de países mencionados em peças sobre NMCs; codificação múltipla

Como é expectável, a maioria das peças focaram-se em Portugal, uma vez que a proximidade de eventos ou focos noticiosos é um dos valores-notícia mais relevantes aquando da produção das pautas jornalísticas (PONTE, 2004; SILVA, 2005; TRAQUINA, 1993). Porém, é também possível ver como os EUA e o Reino Unido, enquanto grandes pontos focais de produção cultural sobre NMCs (e em particular sobre poliamor), e o Brasil pela sua proximidade cultural e linguística face a Portugal.

## Leituras cruzadas

De forma a aprofundar alguns dos aspetos mais salientes dos resultados, e a partir dos dados apresentados, foram cruzados os dados referentes ao tom discursivo e ao tipo de peça em questão

**Tabela 7: Tom discursivo em cruzamento com o tipo de peça jornalística**

	Mixed	Negative	Neutral	Positive	Satire
Short News	5	9	14	8	2
Opinion	6	12	4	8	16
Review	3	3	34	9	1
Feature Writing	11	7	11	30	0
Newspiece	4	7	4	10	1
Interview	0	3	3	8	0

Fonte: dados próprios do projeto CNM-MOVES; frequências absolutas de tom discursivo em cada tipo de peça jornalística em peças sobre NMCs; codificação múltipla

Estão assinalados na Tabela 7 os valores mais prevalentes quanto ao tom discursivo para cada tipo de peça jornalística. Como pode ver-se, as recensões e as notícias breves são

as que mais demonstram neutralidade face ao tema. Em contraponto, as peças de opinião são as mais claramente negativas e até mesmo hostis, se considerarmos o papel da sátira enquanto forma de agressão simbólica ou microagressão. Ainda que os espaços de opinião sejam frequentemente vistos como uma forma de manter a diversidade e pluralidade democráticas, na medida em que permitem à sociedade civil obter parte da visibilidade que o jornalismo institucionalizado tem (TORRES DA SILVA, 2014), este estudo reforça a ideia que este espaço de pluralismo reforça, não poucas vezes, os sistemas hegemónicos vigentes que, de resto, operam na selecção de que opiniões publicar, de que pessoas convocar a dar a sua opinião, e que tipos de discurso têm (ou não) lugar na esfera pública.

Os tipos de peça que mais vezes apresentam CNMs sob uma luz positiva são reportagens longas e entrevistas, o que demonstra o papel específico do jornalismo realizado com mais tempo e recursos, e a sua importância para a manutenção da pluralidade nas sociedades contemporâneas. Tais dados são ademais reforçados pelo facto de, e apesar de o espaço não permitir mostrar esses resultados, serem também as peças de tipo reportagem longa que mais têm, comparativamente, a participação ativa de activistas sobre NMCs, e de especialistas das ciências sociais e da psicologia a dar os seus testemunhos.

Também são as peças mais longas que contém uma mais clara politicização das NMCs. Isto é, de entre as peças que abordam questões políticas formais ou informais, são as reportagens longas que mais vezes o fazem, comparativamente, assim demonstrando a sua maior capacidade para aprofundar questões e realizar um jornalismo mais reflexivo – das 65 peças assim listadas, cerca de metade mencionam alguma ou algumas dessas questões.

## DISCUSSÃO

A partir dos dados apresentados acima, a discussão estende-se agora para uma compreensão mais aprofundada de como a construção das NMCs nos *media* em Portugal tem sido constituída ao longo da última década.

Em primeiro lugar, os dados de uma década de cobertura jornalística demonstram, para Portugal, o que já tinha sido observado de outras formas noutros países: que, de entre as NMCs que têm alguma divulgação mediática e social, o poliamor é claramente predominante. Esta predominância traduz-se no facto de quase 75% dos artigos falarem de poliamor. Neste sentido, e como mencionado anteriormente, o papel deste termo específico no contexto das transformações nas intimidades contemporâneas requer uma atenção mais detalhada.

O papel das emoções e a forma como a ideia de amor (frequentemente romântico) é contraposta à dimensão da sexualidade no poliamor alinha claramente esta forma de NMC com algumas das componentes da mononormatividade vigente. Ao mesmo tempo, e enquanto neologismo, o poliamor também funciona como um marcador de diferença e alteridade que centra a atenção – tanto do jornalismo como do público em geral. Ainda assim, outras formas de relacionamento não-monogâmico que estão ainda mais alinhadas com o sistema familiar tradicional (como a figura do “casamento aberto”) surgem muito menos vezes – pelo que se reforça a importância de considerar que o olhar alterizado aplicado sobre o poliamor é um elemento central destes resultados. Aqui convém retomar os resultados sobre enquadramentos: as NMCs enquanto comportamento sexual evidenciam essa faceta de constituição do Outro.

Outra marca do (des)alinhamento entre conteúdos e agentes sociais pode encontrar-se nos dados sobre quem tem direito a surgir nestas peças. Indubitavelmente, um dos resultados mais salientes é a ausência relativa de pessoas em NMCs em peças *sobre* NMCs – menos de metade das peças analisadas falam *sobre* NMCs e *não com* NMCs. Esta prática demonstra bem que a prática jornalística de ouvir as fontes com interesses atendíveis na matéria é, ao lado da objectividade, mais uma retórica profissional do que uma *praxis* integrada nas redações. Além disso, o cruzamento de dados mostra que quase metade das peças que incluem pessoas em NMCs o fazem através de celebridades (49 em 115), e que apenas 28 peças (das mesmas 115) não incluem quaisquer referências a celebridades. Isso quer dizer que não só a representação de NMCs é geralmente feita sem pessoas envolvidas em NMCs, como também as vidas ou estatuto de celebridades são usadas como legitimação ou, em várias situações, como apresentação única do que as NMCs são.

Não obstante a importância que as narrativas de “saída do armário” têm no que toca à normalização da alteridade íntima e à visibilização de movimentos sociais (e.g.: KIAN; ANDERSON; SHIPKA, 2015), nestes casos trata-se de falar *sobre* celebridades e *não com* celebridades. De facto, várias destas peças relatam comportamentos observados que levantam a *suspeição* de se estar perante um caso de NMC, ou mencionam figuras históricas que são conhecidas por terem estado em relações de NMC (e.g., Simone de Beauvoir). É neste contexto que devem ser lidas muitas das várias referências a outros países: a preponderância das indústrias culturais Anglófonas, em especial, mobilizam também a atenção jornalística dada aos *fait divers* das estrelas de Hollywood e suas vidas íntimas. Ainda que estas referências possam criar um efeito de legitimação, podem também ser vistas como um fenómeno de elitização – que as NMCs são algo apenas disponível para, ou típico de, pessoas ricas e/ou excêntricas, enquanto parte da sua excentricidade.

Ademais, o recurso a traços entendidos como exóticos pode também operar, em certos contextos, como manobra de marketing pessoal. Um dos acontecimentos mais salientes no *corpus* recolhido envolveu um concorrente do programa de *reality TV* “Big Brother” que disse, na sua apresentação e ao longo da sua participação, “sofrer de poliamor”, tratando-o como uma patologia relacional que o diferenciava. Com esse contexto, é compreensível que muitas peças publicadas sobre ele tenham assumido esse carácter negativo, especialmente as que envolveram uma outra participante com a qual ele se envolveu durante o programa, e que continuou a realizar entrevistas sobre esse relacionamento e, por extensão, sobre poliamor.

Um outro resultado que aponta também para a importância do estatuto social e cultural é a prevalência de personagens *ficcionais* em peças jornalísticas várias (mais predominantes, claro, em resenhas culturais), e a participação de cientistas sociais e profissionais da psicologia. O primeiro destes dados aponta para a entrada das NMCs no tecido cultural através da sua expressão em obras de ficção, tal pode ser entendido também como algo potencialmente estigmatizante – uma das obras mais referidas foi uma peça de teatro de carácter humorístico e satírico que abordava poliamor a partir dessa perspectiva humorística alterizada. Outra referência comum foi ao livro *Um Estranho Numa Terra Estranha*, uma obra de ficção científica largamente conhecida dentro de várias comunidades de NMCs mas que, ainda que tenha sido um marco de representação e crítica da mononormatividade (CARDOSO, 2012), não deixa também de ser uma obra contestada dada a sua abordagem datada, com marcas homofóbicas, sexistas e racistas (KRAEMER, 2011).

O segundo aspecto – o papel de cientistas sociais e profissionais de psicologia – mostra como, por exemplo, o desenvolvimento de um projecto de investigação parcialmente dedicado a questões de NMCs (o projecto INTIMATE, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra), se torna importante para visibilizar as NMCs na medida em que esses mesmos estudos criam um conjunto de especialistas que depois se tornam fontes privilegiadas e confiáveis para diferentes jornalistas. No entanto, o oposto também é verdade: várias das pessoas entrevistadas enquanto profissionais de psicologia, por exemplo, colocaram em questão a validade de relações de NMC.

Tudo isto necessita de ser contrastado com o papel limitado que activistas que se apresentam a partir do lugar de fala (RIBEIRO, 2019) das NMCs – ou, neste caso, com a falta desse papel. Na verdade, e como os resultados acima mostram, personagens ficcionais têm mais presença nestas peças do que activistas de NMCs. Isso mostra que, como em outras temáticas associadas com a cidadania íntima, a capacidade de activistas em impactar os discursos mediáticos, e em receberem por parte do *establishment* jornalístico o estatuto de fontes credíveis e centrais ou indispensáveis. Assim, e na medida em que são as falas de activistas que geralmente mais evidenciam elementos políticos (dependendo dos tópicos específicos, ficam por vezes em segundo lugar face a peças onde também existem cientistas sociais; no entanto, como já referido, a presença deste segundo grupo é desproporcionalmente maior), a falta de representação activista nestas peças jornalísticas corresponde a mais uma camada de despolitização das questões levantadas pelas NMCs.

Novamente se pode olhar para a preponderância do enquadramento ‘Expressão Sexual’, face a outros (inclusive ao de ‘Normalização’, que pode ser entendido como uma abordagem política que visa a aquisição de garantias mínimas, como foi o caso da despatologização e descriminalização da homossexualidade) como uma prova auxiliar deste fenómeno: a passagem de categoria sociopolítica a comportamento individual resulta no apagamento sistémico da monogamia enquanto instituição e eixo de exercício de poder. A fraca expressão destas categorias nos resultados finais coexiste com enquadramentos claramente negativos (como é o caso de ‘Fetichização’ ou ‘Patologização’, como ‘Corrupção Social/Cultural’ ou ‘Influências «Externas»’) que, tomados em agregado, apontam para um panorama claramente hostil face à legitimidade e existência de pessoas e vidas em NMCs.

## CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E CAMINHOS FUTUROS

Através da exploração de uma década de cobertura noticiosa escrita sobre não-monogamias consensuais em Portugal procurou-se mapear temas, actores sociais e grandes tendências discursivas, para daí se analisar a forma como os Direitos Humanos podem ser (não) vistos em articulação com a cidadania íntima (PLUMMER, 1995).

Ainda que esta seja, até à data, a mais sistemática recolha de material jornalístico em Portugal sobre NMCs, é preciso ter em conta que deixa de lado material audiovisual, e especificamente material televisivo e digital, o que resulta numa imagem parcelar da cobertura jornalística, e deixa de lado alguns dos meios de comunicação social mais acedidos por pessoas portuguesas (OBERCOM, 2021). Isto quer dizer que estas peças jornalísticas são de alargada circulação, mas não serão necessariamente as mais visualizadas ou partilhadas. Por outro lado, há que destacar que a replicação destas peças escritas em meios online – e a sua partilha através de redes sociais – faz com que seja difícil inferir a extensão do alcance do

material apenas através da consideração dos números de tiragem de cada um dos órgãos de comunicação social.

A análise levada a cabo neste artigo não leva em plena consideração o conteúdo textual das peças noticiosas, ainda que o conteúdo das mesmas tenha sido a base para a codificação dos artigos. Nesse sentido, a escolha de usar Análise de Conteúdo ao invés de uma abordagem mais centralmente qualitativa permite uma visão mais geral e permite abarcar um período de tempo maior, mas não permite tanto detalhe no que diz respeito à (re)produção ideológica de questões de género e sexualidade e, em particular sobre estruturas relacionais e mononormatividade.

A partir destes dados, e da sua leitura cruzada, é possível então perceber que o processo de expansão do conceito de Direitos Humanos (e, em particular, dos Direitos Sexuais dentro destes) para incluir questões de diversidade relacional, orientação relacional e, *latu sensu*, política relacional (CARDOSO, 2015) ou, como refere Ana Cristina Santos (2019), cidadania relacional, é ainda incipiente. Ainda que exista já uma longa tradição, especialmente dentro dos feminismos (KLESSE, 2018), de crítica à monogamia enquanto sistema social, o seu apagamento tem sido repetidamente notado (ROSA, BECKY, 1994). No entanto, agora como nunca antes tem-se visto um ativismo de bases sobre NMCs, e uma relativa explosão da presença de algumas destas formas de NMC no ideário e discurso populares – nomeadamente do poliamor.

Essa presença não pode, porém, ser acriticamente considerada como intrinsecamente positiva. Uma parte das peças que foram recolhidas para este trabalho, e que ficaram de fora da análise por não corresponderem aos critérios estabelecidos, são curiosamente prova disso mesmo. Várias peças de opinião mencionaram um acordo governativo feito por partidos de esquerda e centro-esquerda que ficou conhecido (depreciativamente) como “a geringonça”. Ora, não só essas peças usaram o termo “geringonça”, como também se referiram a este acordo governativo como sendo um “casamento poliamoroso” – novamente, com a mesma conotação satírica ou depreciativa que estava ligada a “geringonça”. Aqui se pode centrar a ambivalência: de um lado, um neologismo que entra em dicionários online em 2014 em Portugal (POLYPORTUGAL, 2014) por via de uso (uso esse, sem dúvida, reforçado por esforços de representação de ativistas em órgãos de comunicação social desde meados dos anos 2000); por outro lado, o seu uso em 2015 para denunciar aquilo que muitos comentadores de direita consideravam como um projeto político impossível, antinatural ou de alguma forma politicamente aberrante.

Em última análise, a cobertura jornalística e noticiosa sobre NMCs está ainda mais vinculada a celebridades – de Hollywood e nacionais – e suas vidas, do que aberta à influência das pautas políticas e mediáticas de ativistas de NMCs. Este enfoque nas NMCs enquanto práticas sexuais, a preocupação com ‘Dinâmicas Relacionais’ (presente em cerca de 69% das peças) e subsequente dissolução das preocupações mononormativas com a questão da gestão do quotidiano não é exclusiva do discurso jornalístico (CARDOSO; MARTINS; COELHO, 2013), mas continua a contribuir para a despolitização e reprivatização das NMCs.

Esta despolitização das NMCs evidente nestes resultados está em linha de coerência com dados previamente recolhidos sobre como o público em geral responde a notícias sobre NMCs e, como aí referido, o que está fundamentalmente em causa é um jogo de (falta de) reconhecimento – o carácter político, ou a mera *possibilidade* de que exista um carácter

político, das estruturas relacionais está ainda em negociação, é ainda um ponto de contenção (CARDOSO; ROSA; SILVA, 2021).

Nesse sentido – e para além da crítica possível ao próprio conceito de Direitos Humanos como insuficiente e como parte de um projeto falhado da modernidade que ainda assim continua a ser disseminado na medida em que beneficia o Norte Global (DEGOOYER *et al.*, 2017) – o papel do ativismo tem sido relevante em trazer para a atenção do público novos conceitos e realidades sociais (como é o caso do poliamor), mas essa atenção tem sido fundamentalmente individualizante, despoliticizante e focada no ‘interesse humano’ do jornalismo. De fora ficam largamente questões políticas, agentes sociais do campo da política e uma discussão albergada pelo jornalismo sobre direitos de pessoas em NMCs. Ao mesmo tempo, o jornalismo continua a servir enquanto espaço que alberga e amplifica discriminação, discurso de ódio e violência simbólica e, por tal, a trair a própria noção de Direitos Humanos fundados no reconhecimento da dignidade inalienável de qualquer pessoa.

## REFERÊNCIAS

- AVIRAM, Hadar. Geeks, goddesses, and green eggs: Political mobilization and the cultural locus of the polyamorous community in the San Francisco Bay Area. *Understanding non-monogamies*. [S.l.]: Routledge, 2010. p. 87–93.
- AVIRAM, Hadar. How Do Social Movements Decide to Move? Polyamorous Relationships and Legal Mobilization. *SSRN Electronic Journal*, 2005.
- AVIRAM, Hadar; LEACHMAN, Gwendolyn. The Future of Polyamorous Marriage: Lessons from the Marriage Equality Struggle. *Harvard Journal of Law & Gender*, v. 38, p. 269–336, 2015.
- BALZARINI, Rhonda N. *et al.* Dimming the “Halo” Around Monogamy: Re-assessing Stigma Surrounding Consensually Non-monogamous Romantic Relationships as a Function of Personal Relationship Orientation. *Frontiers in Psychology*, v. 9, n. 894, p. 1–13, 2018.
- BORGOGNA, Nicholas C.; AITA, Stephen L.; AITA, Lilah J. Minority stress in consensually non-monogamous individuals: mental health implications. *Sexual and Relationship Therapy*, p. 1–20, 2021.
- CARDOSO, Daniel. Amores plurais situados - Para uma meta-narrativa socio-histórica do poliamor. *Tempo da Ciência*, v. 25, n. 48, p. 12–29, 2017.
- CARDOSO, Daniel. Del amor a la amistad: la política de las relaciones. In: CENDAL, SANDRA (Org.). *(h)amor2*. Tradução Matilde Pérez. Madrid: Continta Me Tienes, 2015. p. 53–66.
- CARDOSO, Daniel. Ficção Científica (Social): as ténues fronteiras entre real e ficção. In: ROSA, JORGE MARTINS (Org.). *Cibercultura e Ficção*. Lisboa: Documenta, 2012. p. 203–214.

- CARDOSO, Daniel. My Spivak is bigger than yours: (Mis-)representations of polyamory in the Portuguese LGBT movement and mononormative rhetorics. *LES Online*, v. 6, n. 1, p. 45–64, 6 2014.
- CARDOSO, Daniel. Poliamor, ou Da Dificuldade de Parir um Meme Substantivo. *Interact*, n. 17, 1 mar. 2011. Disponível em: <<http://interact.com.pt/17/poliamor/>>.
- CARDOSO, Daniel. The Political Is Personal: The Importance of Affective Narratives in the Rise of Poly-activism. *Sociological Research Online*, v. 24, n. 4, p. 691–708, 2019.
- CARDOSO, Daniel; MARTINS, Inês Rôlo; COELHO, Salomé. Debating Polyamory as Research: an Auto-Ethnographic Account of a Round-Table on Polyamory and Lesbianism. *LES Online*, v. 5, n. 1, p. 20–34, 2013.
- CARDOSO, Daniel; PASCOAL, Patricia M.; MAIOCHI, Francisco Hertel. Defining polyamory: A thematic analysis of lay people’s definitions. *Archives of Sexual Behavior*, 2021.
- CARDOSO, Daniel; PASCOAL, Patrícia M.; ROSA, Pedro J. Facing polyamorous lives: translation and validation of the attitudes towards polyamory scale in a Portuguese sample. *Sexual and Relationship Therapy*, v. 35, n. 1, p. 115–130, 2020.
- CARDOSO, Daniel; ROSA, Ana; SILVA, Marisa Torres Da. (De)Politicizing Polyamory: Social Media Comments on Media Representations of Consensual Non-Monogamies. *Archives of Sexual Behavior*, 2021.
- CONLEY, Terri D. *et al.* The Fewer the Merrier?: Assessing Stigma Surrounding Consensually Non-monogamous Romantic Relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, v. 13, n. 1, p. 1–30, dez. 2013.
- DE LAS HERAS GÓMEZ, Roma. Thinking Relationship Anarchy from a Queer Feminist Approach. *Sociological Research Online*, 2018.
- DEGOOYER, Stephanie *et al.* *The right to have rights*. Verso Books, 2017.
- ENTMAN, R. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio d’Água, 1994.
- GOULD, Terry. *The Lifestyle: A Look at the Erotic Rites of Swingers*. Toronto: Random House Inc, 1999.
- HANSEN, Anders *et al.* Content Analysis. *Mass Communication Research Methods*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 1998. p. 91–129.
- HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.
- INFINITY\_8P. *Polyam Relationships Recognized in Somerville*. 6 jul. 2020
- JOHNSON, Ruby Bouie. Editor’s Note: Black and Polyamorous. *Journal of Black Sexuality and Relationships*, v. 6, n. 2, p. vii–xiv, 2019.



- KIAN, Edward M; ANDERSON, Eric; SHIPKA, Danny. 'I am happy to start the conversation': Examining sport media framing of Jason Collins' coming out and playing in the NBA. *Sexualities*, v. 18, n. 5–6, p. 618–640, 2015.
- KLESSE, Christian. Bisexual Women, Non-Monogamy and Differentialist Anti-Promiscuity Discourses. *Sexualities*, v. 8, n. 4, p. 445–464, 2005.
- KLESSE, Christian. Polyamory and its “Others”: Contesting the Terms of Non-Monogamy. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 565–583, 2006.
- KLESSE, Christian. Toward a Genealogy of a Discourse on Women’s Erotic Autonomy: Feminist and Queer-Feminist Critiques of Monogamy. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 44, n. 1, p. 205–231, 2018.
- KRAEMER, Christine Hoff. Contemporary Paganism, Utopian Reading Communities, and Sacred Nonmonogamy: The Religious Impact of Heinlein’s and Starhawk’s Fiction. *Pomegranate*, v. 13, n. 1, p. 52–76, 2011.
- KRIPPENDORFF, Klaus H. *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. 2. ed. London; Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 2003.
- MESQUITA, Mário. Percepções Contemporâneas do Poder dos Media. *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. 2ª ed. Coimbra: MinervaCoimbra, 2004. p. 71–88.
- MICHAELS, Mark A.; JOHNSON, Patricia. *Designer relationships: a guide to happy monogamy, positive polyamory, and optimistic open relationships*. Jersey City, NJ: Cleis Press, 2015.
- MOORS, Amy C. Has the American public’s interest in information related to relationships beyond “The Couple” increased over time? *The Journal of Sex Research*, v. 54, n. 6, p. 677–684, 2017.
- NEUENDORF, Kimberly A. *The content analysis guidebook*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 2002.
- OBERCOM. *Anuário da Comunicação 2020*. . Lisboa: OberCom, jul. 2021. Disponível em: <[https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/07/Anuario\\_2020\\_final.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/07/Anuario_2020_final.pdf)>.
- O’NEIL, Nena; O’NEIL, George. *Open marriage: A new life style for couples*. New York: Avon Publications, 1972.
- PHILO, Greg. News Content Studies, Media Group Methods and Discourse Analysis: A Comparison of Approaches. *Media Studies: Key Issues and Debates*. London: SAGE Publications, 2007. p. 101–133.
- PIEPER, Marianne; BAUER, Robin. Polyamory und Mono-Normativität. Ergebnisse einer empirischen Studie über nicht-monogame Lebensformen. In: MÉRITT, LAURA (Org.). *Mehr als eine Liebe: polyamouröse Beziehungen*. Berlin: Orlanda, 2005. p. 59–69.
- PILÃO, Antonio Cerdeira. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 391–422, 2015.
- PILÃO, Antonio Cerdeira. Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 3, 2019.

- PLUMMER, Ken. *Telling Sexual Stories: Power, Change and Social Worlds*. New York: Routledge, 1995.
- POLYPORTUGAL. “Poliamor” reconhecida como palavra oficial. *PolyPortugal - Poliamor em Português*. Disponível em: <<http://polyportugal.blogspot.com/2014/10/poliamor-reconhecida-como-palavra.html>>. Acesso em: 7 nov. 2021. , 11 out. 2014
- PONTE, Cristina. *Leituras das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- PORTO, Duina. Mononormatividade, intimidade e cidadania. *Revista Direito GV*, v. 14, n. 2, p. 654–681, 2018.
- RAMBUKKANA, Nathan. *Fraught intimacies: non/monogamy in the public sphere*. Vancouver ; Toronto: UBC Press, 2015.
- RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- RICHARDS, Tom. *NVivo*. QSR International, 2018. Disponível em: <[http://www.qsrinternational.com/products\\_nvivo.aspx](http://www.qsrinternational.com/products_nvivo.aspx)>.
- RITCHIE, Ani. Discursive constructions of polyamory in mono-normative media culture. *Understanding non-monogamies*. [S.l.]: Routledge, 2010. p. 46–54.
- RITCHIE, Ani; BARKER, Meg-John. “There Aren’t Words for What We Do or How We Feel So We Have To Make Them Up”: Constructing Polyamorous Languages in a Culture of Compulsory Monogamy. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 584–601, 2006.
- ROSA, Becky. Anti-Monogamy: A Radical Challenge to Compulsory Heterosexuality? In: GRIFFIN, GABRIELE *et al.* (Org.). *Stirring it: challenges for feminism*. Feminist perspectives on the past and present. London; Bristol, PA: Taylor & Francis, 1994. p. 107–120.
- ROSENGREN-HOVEE, Evelyn. *United States of Monogamy*. 2021. MA in Arts – University of North Carolina at Chapel Hill, Chapel Hill, 2021.
- ROTHSCHILD, Leehee. Compulsory Monogamy and Polyamorous Existence. *Graduate Journal of Social Science*, v. 14, n. 1, p. 28–56, 2018.
- RUBEL, Alicia N; BURLEIGH, Tyler J. Counting polyamorists who count: Prevalence and definitions of an under-researched form of consensual nonmonogamy. *Sexualities*, v. 23, n. 1–2, p. 3–27, 2020.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: PARKER, RICHARD; AGGLETON, PETER (Org.). *Culture, Society and Sexuality: A Reader*. 2. ed. New York: Routledge, 2007. p. 150–187.
- RYAN, Christopher; JETHÁ, Cacilda. *Sex at Dawn: the Prehistoric Origins of Modern Sexuality*. 1st. ed. New York: Harper, 2010.
- SANTIAGO, Rafael da Silva. *Poliamor e direito das famílias: reconhecimento e consequências jurídicas*. Curitiba: Juruá, 2015.
- SANTOS, Ana Cristina. ‘In the old days, there were no gays’ – democracy, social change and media representation of sexual diversity. *International Journal of Iberian Studies*, v. 29, n. 2, p. 157–172, 2016.

SANTOS, Ana Cristina. One at a time: LGBTQ polyamory and relational citizenship in the 21st century. *Sociological Research Online*, v. 24, n. 4, p. 709–725, 27. 2019.

SAVAGE, Dan. *Monogamish. Savage Love*. Disponível em:  
<<https://www.thestranger.com/seattle/SavageLove?oid=9125045>>. Acesso em: 20 jul. 2021. , 20 jul. 2011

SAXEY, Esther. Non-Monogamy and Fiction. In: BARKER, MEG; LANGDRIDGE, DARREN (Org.). *Understanding Non-Monogamies*. Routledge, 2010. p. 23–33.

SCHECHINGER, Heath; SAKALUK, John; MOORS, Amy. Harmful and helpful therapy practices with consensually non-monogamous clients: Toward an inclusive framework. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 86, n. 11, p. 879–891, 2018.

SCHIPPERS, Mimi. *Beyond Monogamy: Polyamory and the Future of Polyqueer Sexualities*. New York: NYU Press, 2016.

SCHIPPERS, Mimi. *Polyamory, Monogamy, and American Dreams: The Stories We Tell about Poly Lives and the Cultural Production of Inequality*. London ; New York: Routledge, 2019.

SHEILL, Kate. Sexual rights are human rights. In: CORNWALL, ANDREA; CORRÊA, SONIA; JOLLY, SUSIE (Org.). . *Development with a body: sexuality, human rights and development*. London; New York: Zed Books, 2008. p. 45–53.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 2, n. 1, p. 95–107, 1 jan. 2005.

SILVÉRIO, Maria. Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, n. vol. 18 (3), p. 551–574, 2014.

TORRES DA SILVA, Marisa. *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa*. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

VALADEZ, Adrian M. *et al.* Perceived Stigmatization and Disclosure among Individuals in Consensually Nonmonogamous Relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, n. n/a, 16 jan. 2020.

VASALLO, Brigitte. *Pensamiento monógamo, terror poliamoroso*. La Oveja Roja, 2018.

VASALLO, Brigitte. *Sobre la monogamia*. Disponível em:  
<[http://www.eldiario.es/zonacritica/monogamia\\_6\\_275832426.html](http://www.eldiario.es/zonacritica/monogamia_6_275832426.html)>. Acesso em: 6 nov. 2016.

WATSON, Brian M.; STEIN LUBRANO, Sarah. “Storming then Performing”: Historical Non-Monogamy and Metamour Collaboration. *Archives of Sexual Behavior*, maio 2021.

WEEKS, Jeffrey; HEAPHY, Brian; DONOVAN, Catherine. *Same sex intimacies: families of choice and other life experiments*. London ; New York: Routledge, 2001.

*Submetido em novembro de 2021.  
Aprovado em dezembro de 2021.*

**Informações do autor:**

Daniel Cardoso  
Universidade Lusófona, Portugal; Manchester Metropolitan University, UK; Universidade Nova de Lisboa, Portugal.  
*E-mail:* [danielcardoso@gmail.com](mailto:danielcardoso@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7864-7531>

**Informações de financiamento:**



This project has received funding from the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme under the Marie Skłodowska-Curie grant agreement No 84588